2. Rejeição sexual

I.

Quando alguém por quem nos sentimos atraídos nos diz, naquele torturante tom doce no qual essas notícias são normalmente transmitidas, que ele, ou ela, preferiria, na verdade, ser apenas nosso amigo, o que ouvimos, com frequência, é a confirmação de que somos, como secretamente suspeitávamos o tempo todo, uma aberração monstruosa, desajeitada e intocável – resumindo, um homem ou mulher elefante dos tempos modernos. A rejeição dói tanto porque a recebemos como um julgamento condenatório não apenas de nossa atração física, mas de todo o nosso eu, e, por extensão (nesse estágio estamos chorando sobre o travesseiro, ao som de Bach ou Leonard Cohen), de nosso próprio direito a existir.

2.

Uma seção anterior deste livro argumentou, com alguma veemência, que nossa atração sexual aparentemente superficial pelos outros pode, na verdade, sinalizar um entendimento e avaliação muito mais profundos de nosso eu interior. Agora, seria importante enfatizar esse ponto de modo a mantermos nossa sanidade depois de uma rejeição.

Não precisamos receber a rejeição sexual como um indicativo preciso de que a outra pessoa olhou para dentro da nossa alma e sentiu repulsa de cada aspecto do nosso ser. A realidade é geralmente bem mais simples e menos perturbadora que isso: por alguma razão, esse indivíduo não se sente excitado pelo nosso corpo. Podemos nos consolar sabendo que esse veredicto é automático, pré-consciente e imutável. A pessoa que rejeita não está sendo intencionalmente desagradável; ele ou ela não tem escolha. Não podemos decidir quem vai nos excitar tanto quanto não podemos decidir qual sabor de sorvete ou estilo de pintura será o nosso preferido.

Em momentos de crise, precisamos apenas nos lembrar de como nos sentimos em relação a pessoas que nos teria sido conveniente desejar (porque eram delicadas, disponíveis e gostavam de nós), mas que, no entanto, não nos despertaram desejo. Não odiávamos esses desafortunados. Talvez tenhamos desejado ardentemente querer dormir com eles, talvez realmente os achássemos encantadores, mas nossa bússola sexual tinha outras ideias e não puderam ser persuadidas a mudar sua regulagem.

3.

No âmago da dor criada pela rejeição sexual está nosso hábito de interpretá-la como um *julgamento moral*, quando, na verdade, deveria ser classificada, com mais precisão, como um mero *acidente*. Podemos começar a nos libertar dessa tortura reconhecendo que as noites que não dão certo são, na realidade, apenas exemplares menores de má sorte.

A história do clima nos ajuda a entender essa questão. Em quase todas as sociedades primitivas, as pessoas interpretavam os temporais (que arruinavam plantações e inundavam povoados e casas) como punições dos Céus, sinais de que os deuses estavam bravos e que os seres humanos eram culpados. Aos poucos, a ciência da meteorologia ajudou a libertar nossa raça dessas superstições perniciosas. Hoje sabemos que a chuva impiedosa não é culpa *nossa*; é apenas o resultado final da interação aleatória de condições atmosféricas sobre o oceano ou por trás de uma cadeia de montanhas. Uma excêntrica má sorte, e não algo que fizemos, causou a inundação de nossos campos e fez com que nossas pontes fossem engolidas por águas escuras e volumosas como se fossem palitos de fósforo. Estaríamos acrescentando paranoia ao sofrimento ao tomar as chuvas como algo *pessoal*.

Assim como aprendemos a entender o clima, devemos também compreender aqueles que nos dizem tão docemente que gostariam de encerrar a noite mais cedo. Não escolhemos com quem queremos dormir; a ciência e a psicanálise já deixaram claro que existem forças ocultas que fazem a escolha por nós muito antes de nossa mente consciente ter uma opinião sobre o assunto.

Por mais inacreditável que possa parecer quando estamos no epicentro do sofrimento, às vezes um não é apenas um não.

3. Falta de desejo

i. Infrequência

1.

Vamos imaginar um casal, Daisy e Jim. Eles estão casados há sete anos e têm dois filhos pequenos: Mary (2 anos) e William (6 anos). Eles estão deitados em sua cama de casal às 21h30 de uma noite de semana, num quarto no sul de Londres, Daisy de um lado, Jim do outro. A televisão está ligada em um programa de viagem sobre a Itália e sua culinária, embora Daisy não esteja prestando muita atenção, porque ao mesmo tempo está fazendo as sobrancelhas com a ajuda de uma pinça e um espelhinho. As sobrancelhas crescem vigorosamente, uma característica que Jim admira e interpreta, supersticiosamente, como um reflexo da energia sexual da mulher.

Daisy tomou banho há um tempo e agora está deitada, enrolada frouxamente numa toalha branca, os seios à mostra. Embora durante o namoro Jim tenha passado um bom tempo tentando imaginar como seriam esses seios e perdido todo controle sobre suas faculdades mentais ao circular com a língua pela primeira vez suas auréolas, eles agora repousam diante dele sem qualquer convite que seja considerado mais digno de nota, observação ou excitação do que um polegar ou uma canela. O erotismo parece,

no final, ter bem pouco a ver com a simples nudez: ele brota de uma promessa de mútua excitação, uma eventualidade que pode iludir duas pessoas juntas na cama ou tomar de assalto outro casal que está subindo uma montanha no teleférico, usando grossas roupas de esqui, luvas e toucas de lã. Enquanto na tela o apresentador elogia um cornetto de pistache, no quarto, a nudez no leito conjugal tem algo da mesma qualidade estéril e sem emoção de uma praia de nudismo no litoral báltico.

O programa termina e Daisy guarda seus instrumentos. Jim estende a mão e toma levemente a de Daisy. Nenhum dos dois faz outro movimento. A cena parece inócua, mas um importante evento está em andamento. Jim está tentando iniciar o sexo.

A lógica pode sugerir que um relacionamento ou casamento de longo prazo automaticamente garantiria o fim da ansiedade que tipicamente envolve as tentativas de uma pessoa fazer sexo com outra. Embora esse tipo de união faça do sexo uma constante possibilidade teórica, ele naturalmente não legitima ou facilita o caminho para o ato em qualquer ocasião especial. Pior, num contexto de permanente possibilidade, a incapacidade de fazer sexo pode se configurar como uma violação ainda mais grave das regras básicas do que um impasse em outros contextos. Ser rejeitado por uma pessoa a quem se acabou de conhecer num bar não é de surpreender. Há métodos para lidar com tal recusa. Não poder dormir com a pessoa com quem se assumiu o voto de partilhar a vida é uma eventualidade mais estranha e humilhante.

Já faz quatro semanas que Daisy e Jim não transam. Nesse período, o país emergiu do inverno. Os jacintos já floresceram, novas gerações de pintarroxos fizeram seus primeiros voos, abelhas iniciaram sua incansável ronda pelos canteiros de flores da capital. Embora

este intervalo possa parecer longo, essa interrupção não é incomum para o casal. Da última vez foram seis semanas; antes disso, cinco. No que diz respeito a sexo, Jim desenvolveu uma memória incrível para datas. Durante todo o ano anterior, ele e sua esposa transaram apenas nove vezes.

Para Jim, essa estatística parece uma vergonhosa reflexão de aspectos essenciais do seu ser. Em parte, sem dúvida, é uma questão de orgulho ferido, mas também tem a ver com a nossa vasta cultura – e, mais especificamente, a extensão na qual a História recente priorizou a liberação do desejo, ao fazer com que as pessoas não tivessem mais que esconder seus corpos em roupas que não servem, ou o medo da possibilidade de se ter filhos indesejados, ou ver o sexo como nada mais do que um passatempo inocente e emocionalmente enriquecedor.

O fato de Jim se sentir incapaz de conversar com alguém a respeito de sua vida sexual com Daisy não ajuda. Nos jantares com amigos não há oportunidade de trazer à tona um tema ao mesmo tempo tão sério e tão irrelevante.

“Você deve estar com sono”, diz Jim a Daisy, com o que ele quer dizer: “Por favor, me mostre que você me quer.”

“Eu realmente acordei cedo hoje”, responde Daisy com um bocejo, que os 39 anos de sua história psicológica levam Jim a interpretar como: “Tenho total repulsa por você.”

Eles apagam as luzes e ficam deitados em silêncio no escuro. Jim pode ouvir sua esposa se virando algumas vezes antes de encontrar uma posição confortável, aninhada de costas para ele. Lá fora há ruídos: buzinas de carros, miados de gatos, gritos ocasionais e risadas de passantes voltando das festas – e dentro de Jim, o som surdo de sua angústia.

2.

Para começar – e de forma muito inocente –, a escassez de sexo dentro de relacionamentos estabelecidos tem a ver com a dificuldade de mudar os registros entre o dia a dia e o erótico. As qualidades requeridas pelo sexo contrastam vivamente com aquelas de que precisamos para conduzir a maioria de nossas atividades diárias. O casamento tende a envolver – se não imediatamente, então em poucos anos, pelo menos – a administração de uma casa e a criação de filhos, uma tarefa que se parece um tanto com a administração de um pequeno negócio, e baseia-se em muitas das mesmas habilidades burocráticas e processuais, incluindo gerenciamento, autodisciplina, exercício de autoridade e a imposição de regras aos recalcitrantes.

O sexo, com suas exigências opostas de expansividade, imaginação, diversão e perda de controle, deve, de acordo com sua própria natureza, interromper essa rotina de regulação e autocontrole, ameaçando nos deixar incapacitados ou, pelo menos, sem vontade de assumir nosso dever administrativo uma vez que o desejo tenha seguido seu curso. Evitamos o sexo não porque não seja divertido, mas porque seus prazeres ameaçam nossa subsequente capacidade de enfrentar as vigorosas exigências que nossos arranjos domésticos nos colocam. Nosso repúdio é semelhante a um montanhista ou maratonista que opta por não se banhar no lirismo e no hipnótico esplendor de um grande poema, talvez de Walt Whitman ou Tennyson, pouco antes de escalar uma montanha ou iniciar uma maratona.

O sexo também altera e desequilibra nosso relacionamento com nosso coadministrador da casa. Iniciá-lo requer que um parceiro ou

o outro se torne vulnerável ao revelar o que talvez possa parecer uma necessidade sexual humilhante. Temos de deixar de lado a discussão de projetos práticos – que tipo de aparelho doméstico adquirir ou aonde ir nas férias do ano que vem – para fazer um pedido mais desafiador a fim de que o parceiro se vire e assuma a atitude, por exemplo, de uma enfermeira submissa ou coloque um par de botas e comece a insultá-lo. A satisfação de nossas necessidades pode nos forçar a pedir coisas que, a distância, podem ser consideradas ridículas e desprezíveis – a ponto de, no final, parecer mais fácil não fazer pedidos dessa natureza a alguém com quem devemos contar para tantas coisas no curso da decente vida cotidiana.

O senso comum sobre o amor normalmente diz que o contexto ideal no qual podemos nos expressar sexualmente é o do relacionamento sério, sugerindo com isso que não precisaremos ficar constrangidos por algumas de nossas necessidades mais incomuns na frente de uma pessoa com quem trocamos votos eternos em um altar diante de duzentos convidados. Mas essa é uma visão lamentavelmente equivocada do que nos dá impressão de segurança. Podemos achar mais fácil colocar uma máscara de borracha ou fingir ser um parente incestuoso e predador com alguém com quem não tenhamos de tomar café pelas próximas três décadas.

Embora o desejo de dividir as pessoas entre discretas categorias de aquelas que amamos e aquelas com quem podemos fazer sexo possa parecer um fenômeno particularmente masculino, as mulheres estão longe de ser inocentes nesse aspecto. A dicotomia da santa/puta tem uma analogia exata com o não menos comum complexo do bom-moço/cafajeste, no qual as mulheres reconhecem sua teórica atração por homens calorosos, protetores e comunicativos, mas ao

mesmo tempo são incapazes de negar os méritos sexuais superiores de bandidos cruéis que partirão para outro continente assim que o sexo terminar. O que une a "puta" e o "cafajeste" em ambos os cenários é sua indisponibilidade emocional e, portanto, seu poder de não agir como testemunha permanente e evocadora de nossas vulnerabilidade e estranheza sexuais. O sexo às vezes pode ser um ato pessoal demais para ser praticado com alguém a quem conhecemos muito bem e que temos de ver o tempo todo.

3.

Sigmund Freud foi além disso. Foi ele quem primeiro e mais nitidamente identificou uma razão mais profunda para a dificuldade que muitos de nós têm de fazer sexo com parceiros de longo prazo. Em um ensaio de 1912, com o belo e desajeitado título de "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor", Freud resumiu o difícil dilema que afligia tantos de seus pacientes: "Quando amam, não têm desejo, e quando desejam, não podem amar."

Na análise de Freud, nossa vida sexual será gradualmente destruída por dois fatos inevitáveis ligados ao modo como somos criados: primeiro, aprendemos a amar pessoas com quem rigorosamente não podemos fazer sexo, e, segundo, tendemos a escolher amantes, na vida adulta, que se assemelham de certas maneiras poderosas (embora inconscientemente) às pessoas que mais amamos quando crianças. Juntas, essas influências criam uma situação infernal na qual quanto mais intensamente amamos uma pessoa fora de nossa família, mais fortemente nos lembraremos da

intimidade dos nossos laços familiares da infância – e assim nos sentimos menos autorizados a expressar livremente nossos desejos sexuais. Um tabu de incesto projetado para impedir os perigos genéticos da procriação pode então conseguir inibir e, finalmente, sufocar nossas chances de apreciar o sexo com alguém que não tem nem remotamente o mesmo sangue que nós.

O perigo de que o tabu do incesto ressurja na vida adulta torna-se particularmente agudo depois da chegada dos filhos. Até então, os lembretes dos protótipos parentais em que nossos amantes se baseiam podem ser efetivamente mantidos a distância pelos afrodisíacos naturais da juventude, pelas roupas da moda, boates, férias no exterior e pelo álcool. Mas todos esses profiláticos tendem a ser deixados para trás uma vez que o carrinho de bebê esteja estacionado no corredor. Os parceiros permanecem ostensivamente conscientes de que não são os pais um do outro, mas torna-se cada vez mais difícil manter essa percepção no inconsciente quando ambos passam a maior parte do dia atuando no papel de “Mamãe” e “Papai”. Embora um não seja o público esperado do outro, os dois parceiros são, ainda assim, testemunhas constantes dessas atuações. Não é incomum que um casal, depois de colocar as crianças na cama, num lapso que Freud teria apreciado, chamem um ao outro de “Mãe” ou “Pai”, uma confusão que pode ser causada pelo mesmo tom disciplinador e exasperado que usaram o dia todo com seus filhos pequenos.

Pode ser difícil para ambas as partes apegar-se à óbvia, mas ilusória, verdade de que são, de fato, iguais, e que, por mais incômoda que seja a ideia de fazer sexo com um pai ou mãe, não é esse, na realidade, o perigo que enfrentam.

4.

Quando homens e mulheres deixam relacionamentos de longa data para assumir novos parceiros mais jovens, essa mudança geralmente é interpretada como uma simples e bastante frívola busca pela juventude. A razão mais profunda, subconsciente, entretanto, pode ser bem mais pungente que isso: estão deixando seus parceiros por causa dos fantasmas dos pais, que parecem tê-los engolido e, como consequência disso, impossibilitado qualquer intimidade sexual entre eles.

Mas quando o sexo se vê mergulhado no tabu do incesto, a solução, evidentemente, não é iniciar um relacionamento com outra pessoa, já que os novos candidatos se transformarão, eles próprios, em figuras paternas quando o amor estiver estabelecido. O que precisamos não é de uma nova pessoa, mas de uma nova maneira de perceber a que nos é familiar.

Como fazer isso? Uma resposta pode ser encontrada em uma prática sexual que só atrairia uma pequena minoria, mas que contém uma moral subjacente aplicável a todos os relacionamentos duradouros.

Alguns casais encontram prazer em escolher de comum acordo uma pessoa desconhecida e pedir a ela que faça sexo com um deles enquanto o outro assiste. O espectador cede por vontade própria seu lugar de direito e encontra prazer erótico em ser testemunha da relação de seu cônjuge.

Isto não é um ato de altruísmo. De fato, o novo ator foi convidado por um propósito específico: lembrar ao *voyeur* o que há de provocante em seu parceiro. O *voyeur* usa a luxúria do estranho como um mapa que o guie de volta a seus próprios desejos originais, que se perderam na névoa da rotina. Pela ação do estranho, o *voyeur*

consegue se excitar com seu parceiro, após vinte anos, como na noite em que se conheceram.

Numa variação dessa abordagem, um tira fotografias do outro nu e as publica em um site da internet dedicado a esse tema, solicitando comentários francos de terceiros.

A tradição, o ciúme e o medo são suficientemente fortes para tornar improvável que essas práticas se propaguem em grande escala, mas elas mostram com particular clareza os mecanismos de percepção que seria importante incorporarmos em todos os nossos relacionamentos. A solução para a estagnação sexual duradoura é aprender a ver o outro como se nunca o tivéssemos visto antes.

Uma versão menos ameaçadora e dramática desse ato de percepção está prontamente disponível ao se dar entrada em um quarto de motel. Nossa incapacidade de perceber o lado erótico de nosso parceiro parece particularmente relacionada ao inerte ambiente no qual vivemos todo dia. Podemos culpar a estável presença do carpete e das cadeiras da sala de estar por parte da nossa dificuldade em fazer mais sexo, pois nossa casa nos leva a perceber os outros conforme o humor que eles apresentam dentro dela. O cenário físico torna-se permanentemente colorido pelos eventos que ocorrem dentro dele – aspirar, dar mamadeira, pendurar roupas, preencher formulário de impostos – e reproduz o humor para nós, com isso nos impedindo sutilmente de evoluir. Os móveis insistem que não podemos mudar porque eles nunca mudam.

Daí a importância metafísica dos hotéis. Suas paredes, camas, cadeiras, televisões e sabonetes cuidadosamente embalados não estão apenas satisfazendo um gosto por luxo; estão encorajando uma reconexão com nosso eu sexual há tanto esquecido. Não há limite para o

que um mergulho a dois em uma banheira diferente pode nos ajudar a fazer. Podemos fazer amor novamente porque, em meio aos papéis que nós e nossos parceiros fomos forçados a assumir por nossas circunstâncias domésticas, redescobrimos as identidades sexuais que primeiro nos atraíram para eles – criticamente auxiliados nesse ato de percepção estética por um par de roupões felpudos, uma cesta de frutas e uma vista da janela para um porto desconhecido.

5.

Para descobrirmos como podemos aprender a voltar a desejar nosso parceiro, podemos encontrar lições no modo como os artistas abordam a tarefa de pintar o mundo. Tanto o amante quanto o artista enfrentam problemas semelhantes na natureza humana: a tendência universal a ficar facilmente habituado e entediado e a declarar que o que nos é conhecido é indigno de interesse. Tendemos a desejar injustamente a novidade, o drama, o romantismo brega e o glamour.

Algumas grandes obras de arte têm o poder de nos reconduzir ao que achávamos que já tínhamos compreendido e revelar novos encantos, negligenciados ou submersos, sob um exterior conhecido. Em contato com essas obras de arte, nossa apreciação de elementos supostamente banais é reacendida. O céu noturno, uma árvore balançada pelo vento em um dia de verão, uma criança varrendo o quintal, ou o clima de uma lanchonete numa grande cidade americana à noite revelam-se prontamente não apenas tediosos ou óbvios, mas situações interessantes e complexas. Um artista encontrará uma forma de ressaltar as dimensões mais pungentes, imponentes

e intrigantes de uma cena e fixar nossa atenção nelas – de modo que abandonamos nosso escárnio anterior e começamos a ver em nosso ambiente um pouco do que Constable, Gainsborough, Vermeer ou Hopper conseguiram encontrar no seu.

Na França do século XIX, é muito provável que, além de cozinheiros, *gourmands* e fazendeiros, poucas pessoas conseguissem enxergar algo particularmente interessante nos aspargos antes que Edouard Manet pintasse um punhado deles em 1880, ajudando com isso a lembrar a humanidade do prodígio da aparição anual desse vegetal da primavera. No entando, quaisquer que sejam as habilidades técnicas de Manet, sua pintura só funciona porque ele não simplesmente *inventou* o encanto do aspargo. Ela funciona porque ele encontrou uma forma de nos *relembrar* do que já sabíamos que existia, mas que nosso jeito mimado e acostumado de ver o mundo nos havia levado a negligenciar. Onde talvez estivéssemos preparados para ver apenas talos brancos sem graça, ele percebeu vigor, cor, drama e individualidade, realocando seu humilde assunto como um objeto sacramental e elevado pelo qual podemos acessar uma redentora filosofia da natureza e da vida rural.

Para salvar nossos relacionamentos de longa data da mesmice e do tédio, deveríamos aprender a usar com nossos parceiros do mesmo ato imaginativo que Manet usou com seus vegetais. Precisamos identificar o que há de bom e belo sob as camadas de hábito e rotina. Vemos, com bastante frequência, nossos parceiros empurrando carrinhos, discutindo com crianças pequenas, brigando com a companhia elétrica e voltando exaustos do trabalho que acabamos nos esquecendo de uma dimensão deles que permanece aventureira, impetuosa, atrevida, inteligente e, acima de tudo, viva.

6.

Por outro lado, se tentarmos tudo isso e ainda assim não funcionar, se ainda acharmos o sexo com nosso parceiro de longa data um acontecimento raro e pouco dinâmico, devemos ficar surpresos, aborrecidos e amargos?

A sociedade moderna tende a dar total crédito à nossa frustração. Nada menos que a completa satisfação soa como condescendência e capitulação. Sexo frequente e gratificante com um parceiro de longa data é visto como a norma, e qualquer desvio disso é visto como patologia. A indústria da terapia do sexo, desenvolvida primeiramente nos Estados Unidos na segunda metade do século XX, concentrou a maior parte de seus esforços em assegurar que o casamento deve ser avivado com o desejo constante. Foram os pioneiros da sexologia, William Masters e Virginia Johnson, os que primeiro articularam a ousada visão de que é direito de toda pessoa casada desfrutar um fluxo constante de bom sexo com seu parceiro do altar até o túmulo. Em seu best-seller *A inadequação sexual humana* (1970),[1] eles identificaram e propuseram antídotos para todos os obstáculos que um casal poderia enfrentar em sua busca por esse fluxo interminável de sexo gratificante: vaginismo, disfunção orgásmica, dispareunia, ejaculação retardada e os efeitos do envelhecimento.

Masters e Johnson muniram seu livro com diagramas úteis e sugestões delicadamente redigidas de exercícios úteis que os próprios casais poderiam fazer. Lida hoje, a prosa sóbria deles é destemida e, a seu próprio modo, impressionante, em sua dedicação a trazer à luz as silenciosas intensidades do sofrimento humano.

[1] São Paulo: Roca, 1985.

Para um problema tão antigo quanto o tempo, propuseram uma abordagem prática e profundamente simpática:

> *O primeiro passo na terapia contra ejaculação retardada é que a esposa force a ejaculação manualmente. Isso pode levar vários dias. O importante conceito a ressaltar a ambos os parceiros é que não há pressa.*

Sem dúvida é uma evolução na civilização quando tais questões podem ser redigidas e discutidas sem dramas ou constrangimentos por dois adultos enquanto as crianças estão dormindo no andar de baixo.

No entanto, há também, sem dúvida, algo peculiar, até perverso, em uma atitude mental que patologiza implacavelmente a ausência de sexo regular. Não se poderia inverter a questão e sugerir que, longe de ser um indicativo de que algo está errado, o gradual declínio na intensidade do sexo entre um casal casado é, na verdade, uma parte inevitável da vida biológica e, portanto, uma evidência da profunda normalidade? Rebelar-se contra isso é como protestar que não somos permanentemente felizes. Tendo em vista a raridade do bom sexo, será realmente certo continuar a considerar a frequência como regra? Claro, seria conveniente que o sexo e o casamento pudessem coexistir sem problemas, mas desejar não é o mesmo que conseguir. Portanto, não haveria certa sabedoria em reformular as expectativas, despatologizar e desestigmatizar nossos assim chamados "fracassos" – e às vezes virar para o outro lado da cama, pronto a aceitar sem rancor, e com calma estoica, algumas das necessárias concessões do amor duradouro?